



## As comunidades de práticas de Wenger e a praxiologia de Bourdieu

### *The communities of practice of Wenger and the praxeology of Bourdieu*

**Kleber José de Lima da Costa Barros** 

Mestre em Ciência da Informação  
Universidade Federal da Paraíba  
*kleber.telecom@gmail.com*

**Joana Coeli Ribeiro Garcia** 

Doutora em Ciência da Informação  
Universidade Federal da Paraíba  
*nacoeli@gmail.com*

**Marynice de Medeiros Matos Autran** 

Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais  
Universidade Federal da Paraíba  
*marynice.autran@gmail.com*

#### Resumo

Realiza revisão de literatura, relacionando as ideias do autor precursor do termo comunidades de práticas Etienne Charles Wenger com a praxiologia de Pierre Félix Bourdieu. Wenger considera como elementos principais das comunidades de práticas o domínio, a comunidade e a prática, enquanto Bourdieu estabelece abordagem epistemológica e organiza o pensamento social em dois tipos de conhecimento, o objetivismo e a fenomenologia. Ao usar as práticas das ações humanas, baseando-se no *habitus*, identificam-se sistemas aos quais o indivíduo se adapta, e, teoricamente, também surgem semelhanças entre as comunidades de práticas e a praxiologia, exemplificadas pelo condicionamento dos atores à sociedade e às suas relações de força, domínio, lutas e estratégias. Portanto, ao estudar as comunidades de práticas *versus* a praxiologia, certifica-se que a aprendizagem coletiva se fortalece, resultando num compartilhamento de informações entre os membros da comunidade.

#### Palavras-chave:

comunidades de práticas; praxiologia; comunidades virtuais.

#### Abstract

*It is performed a literature review by relating the ideas of the precursor author of the term communities of practice Etienne Charles Wenger with the praxeology of Pierre Felix Bourdieu. Wenger considers as main elements of communities of practice the domain, the community and the practice. In turn, Bourdieu establishes epistemological analysis and organizes the social thought in two types of knowledge: objectivism and phenomenology. When using the practices of human actions based on habitus, there are identified systems in which the individual adapts himself, and theoretically it also emerges similarities between the communities of practice and praxeology, exemplified by the conditioning of actors to society and their relations of power, domain, struggles and strategies. Therefore, when studying communities of practice versus praxeology, it is certified that collective learning is strengthened, resulting in a sharing of information among the community members.*

#### Keywords:

*communities of practice. praxeology; virtual communities.*



doi: [10.28998/cirev.2022v9n1/3a](https://doi.org/10.28998/cirev.2022v9n1/3a)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 07/07/2021

Aceito em: 17/08/2021

Publicado em: 01/04/2023

## 1 INTRODUÇÃO

Convive-se num mundo representado por cenários, por inúmeras comunidades de práticas e de linguagens que compõem uma realidade estabelecida e versátil das nossas atividades. As relações humanas se estabelecem, cada vez mais, através do acesso à informação veiculada através de vários meios de comunicação. Este artigo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre as comunidades de práticas de Etienne Charles Wenger relacionadas com a praxiologia de Pierre Félix Bourdieu, estabelecendo aproximação teórica entre o pensamento dos autores.

O conceito sobre comunidades de práticas teve insight por Wenger, durante conversa com sua orientadora Jean Lave em que discutiam formas de aprendizado, sobre como alguns grupos de indivíduos se reúnem por possuírem interesses comuns no aprendizado e na aplicação do que foi absorvido. Enquanto Bourdieu organizou o pensamento social em dois tipos de conhecimento, o objetivismo e a fenomenologia, e fundamentou um terceiro, a partir de sua teoria da prática ou praxiologia.

Na obra *Communities of Practice: learning, meaning and identity*, publicada em 1998, Wenger relata conversa com Jean Lave sobre quem haveria cunhado o termo comunidades de práticas. Lave afirma peremptoriamente que teria sido Wenger.

Wenger (1998) afirma que a despeito da generosidade intelectual da orientadora e de muitas outras pessoas que leram e criticaram os *drafts* por ele escritos, e reforça quão importantes são para as comunidades e quanto é impossível agradecer e citar todas as pessoas que contribuem para formar, criar e ampliar conhecimento. A comunidade é então constituída por grupo de pessoas que interagem, colaboram, compartilham informações, explicitam conhecimento, estabelecendo relações de forma a aprender uns com os outros e desenvolver sentimento de pertença a algo que contribui para melhoria de suas atividades.

Wenger, McDermott e Snyder (2002) consideram como características que definem as comunidades de práticas o domínio, a comunidade e a prática, sendo o domínio a fundamentação comum, instituindo, com o passar do tempo, identidade para o grupo, definindo, inclusive, o foco da discussão daquela comunidade, legitimando-a ao afirmar propósitos e valores para os membros e interessados. Existe uma competência distribuída que diferencia seus membros de outros. É algo dinâmico que se atualiza com o mundo social e com a própria comunidade.

Enquanto a prática é exemplificada pelos próprios membros das comunidades que desenvolvem um repertório compartilhado de recursos, a saber, ideias, experiências, histórias, ferramentas, estilo, formas de lidar com problemas recorrentes, documentos desenvolvidos e compartilhados pelos membros, ações e recursos compartilhados pelos participantes, levando tempo e interação sustentada, rotinas para explicitação do conhecimento de forma que este possa ser útil a cada um em suas unidades, resultando em produto de todos, da comunidade, e não do indivíduo.

Estabelece-se paralelo com as ideias de Bourdieu, para quem, o cientista possui um grande papel na sociedade, cabendo a ele inovar as ideias e o senso comum e, por outro lado, buscando elaborar maneiras de assimilar suas relações, seu modo de vida, a sociedade e a si próprio.

Wenger, McDermott e Snyder (2002) asseguram que deve ser mantido o equilíbrio dos elementos característicos que orientam o desenvolvimento, a manutenção e a sustentabilidade de comunidades de práticas numa organização e nos extramuros. Em síntese, pode-se acrescentar que o domínio significa identidade definida pelo compartilhamento de inte-

resse(s) por pares comprometidos e, conseqüente, grau de confiança estabelecido ao longo do tempo. Ou seja, para a comunidade trata-se de relação que permite aprendizado constante. A prática diz respeito ao cotidiano, às experiências profissionais trocadas, utilizando ferramentas semelhantes e desenvolvendo produtos e serviços.

As comunidades de práticas podem subsidiar significativos modos de interpretar e lidar com a adversidade em face à diversidade cultural, política e social dos indivíduos que se encontram nas múltiplas comunidades emergentes da sociedade. A sociologia reconhece que o conhecimento é construído em situações de prática, do social para o subjetivo e desse subjetivo de volta para o social e através do conhecimento da realidade social em ação com os outros. (TORMA, 2015, p. 3).

A praxiologia proposta por Bourdieu busca responder a questões relativas às ações sociais, afirmando que a prática humana é um encontro do *habitus* com o campo, levando o ator social a desenvolver um senso prático. Tal afirmativa não significa dizer que a maior parte das ações cotidianas seja quase automática, regida por um princípio estruturador de ações, percepções e comportamentos. Tais paradigmas sugerem, remetendo às comunidades de práticas, principalmente, ao referir a atores da sociedade e às relações de força, domínio, lutas e estratégias, ou seja, constituem-se os espaços de integração e de compartilhamento de raciocínios e de interesses. (BOURDIEU, 1994, 1996, 2004).

## 2 AS COMUNIDADES DE PRÁTICAS

O conceito de comunidades de práticas tem sua origem no desenvolvimento de uma explicação de caráter social da aprendizagem humana, inspirada na antropologia e na teoria social (WENGER, 1998). Para o autor, as comunidades estão em todo lugar, mas para que o conceito de comunidades de práticas tenha utilidade, ele não pode ser aplicado a toda e qualquer configuração social. Dessa forma, enquanto ferramenta analítica, esse conceito é apresentado como uma categoria de nível intermediário: ele não se limita a uma atividade ou a uma interação específica (uma conversação), não cobre configurações amplas como instituições (escolas, empresas) nem sistemas (nações e culturas).

Comunidades de práticas são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão a respeito de algum tópico, e que aprofundam seu conhecimento e expertise nesta área interagindo numa forma permanente. (WENGER; MCDEMORTT; SNYDER, 2002, p. 4, tradução nossa).

Em seu pensamento, Bourdieu (1996) justifica a criação do campo de poder para dar conta do que não podia ser compreendido de outro modo, a propriedade das práticas e das representações com dupla ambivalência em relação ao “povo” e ao “burguês”, ocupando posições diferentes nesses campos que só se compreendem ao considerar a posição dominada que os campos de produção de cultura ocupam no espaço mais amplo, o espaço social.

As organizações foram desde sempre ambientes nos quais as informações e os conhecimentos são adquiridos, produzidos e compartilhados entre os membros. O que tem mudado ao longo do tempo é a importância que se tem atribuído a eles nos planos social, econômico e cultural. A produção e a ampliação dessa cultura, comum para criar e ampliar conhecimento, pode inclusive destacar e distinguir várias comunidades de práticas em uma mesma organização ou empresa.

Cada membro pode explorar novas ideias, opiniões e crenças através dos diálogos, estabelecendo que as conversas sejam gerenciadas e, com isso, liberem os poderes inovado-

res dos participantes individuais e impulsionem a criação de *insights* e a disseminação do conhecimento. (GARCIA; SILVA, 2015).

A ideia básica da noção de *habitus* estabelece que a incorporação progressiva das práticas faça com que as ações percam a condição de práticas estruturadas e comecem a parecerem práticas naturais, viabilizando a própria vida social.

São as ideias de práticas em Bourdieu que levam ao raciocínio de que não apenas os atores ou participantes, mas a possibilidade de ser o campo o verdadeiro responsável para que essa engrenagem realmente funcione. Os campos são como universos sociais relativamente autônomos nos quais os profissionais da produção simbólica enfrentam-se em lutas, tendo como alvo a imposição de princípios, de visão e de divisão do mundo natural e do mundo social, que resultaria em produto da comunidade e não do indivíduo.

Essas práticas levam a interpretar que o *habitus* é necessariamente proporcional, podendo se tornar desproporcional, entre os agentes, o sentido de praticar ou não o mesmo *habitus*. Portanto, infere-se que o *habitus* é produto do trabalho de manifestação e de apropriação, sua finalidade pode ser verificada quando Bourdieu (1988) observa o sentido das práticas no campo científico, demonstrando como os agentes são incentivados pelas conjunturas deste campo. A comunidade científica está vinculada à sociedade, aos sujeitos, às suas relações de força e posses, lutas e planejamentos, ambições e lucros, constituindo-se em espaço de jogo concorrencial.

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente independente em relação à situação considerada imediata porque ela é o produto da relação retórica entre uma situação e o *habitus*, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, a praxiologia pressupõe uma relação retórica entre o agente e a estrutura social. As ações, os comportamentos, as escolhas ou aspirações individuais são produtos da relação entre o *habitus* e as pressões e os estímulos de um acontecimento.

### 3 O CONCEITO DE *HABITUS* E AS COMUNIDADES DE PRÁTICAS

A percepção da materialidade do significado de representação do *habitus* linguístico, no que compõe as conexões simbólicas de cada membro, como representantes das atividades de prática de cada um, com isso, a abordagem das comunidades de práticas demonstra-se fundamental na mediação do ensino-aprendizagem.

Sobre *habitus* inclui tanto as representações de si, quanto da realidade, como o sistema de práticas em que o indivíduo se adapta, inclui também os valores, as crenças, as aspirações e as identificações que se propagam. Opera na incorporação de disposições que levam o indivíduo a agir de forma harmoniosa com o histórico de sua classe, categoria ou grupo social, e essas disposições incorporadas refletem-se nas práticas objetivadas do sujeito. O *habitus* pode ser visto também como uma síntese dos estilos de vida e de gostos através dos quais são apreciados e a partir deles os sujeitos se comportam.

Bourdieu (1994, p. 15) configura *habitus* como:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptada a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

O autor aponta o potencial gerador do *habitus*, como elemento invisível e tácito, mas constituído de dinamicidade e elasticidade intrínseca, a ponto de conceber as práticas de modo latente e imperceptível, a não ser pela evidência das estratégias na produção e na reprodução das estruturas objetivas, pois são elas - as estratégias - que dão materialidade às práticas como produto.

Ainda, partindo da descrição de *habitus*, pode-se atribuir uma relação entre o indivíduo e o meio sociocultural visto que o mundo social e o mundo subjetivo se constituem continuamente relacionados simbioticamente. A esse processo, ele atribui o nome de esquemas individuais estruturados socialmente que através das experiências de ações funcionais das práticas cotidianas representam os elementos estruturantes das mentes dos indivíduos.

Pelo princípio do *habitus* existe ainda uma ordem social constituída por estratégias. Uma vez que se possam promover situações adequadas à promoção e ao desenvolvimento de conscientização sobre tipos e qualidades de atividades práticas que os indivíduos realizam, pode-se desenvolver exercício de reflexão crítica da realidade como forma de trabalhar o passado que se faz presente no aqui e agora passível de ser reproduzido no futuro. (BOURDIEU, 1994).

Pelo exposto na comparação com a teoria de Bourdieu (1994), deduz-se que o *habitus* é produto do trabalho, da manifestação e da apropriação de conceitos dos indivíduos. Caracteriza-se pelos produtos da história coletiva e de estruturas coletivas, reproduzindo as disposições duráveis nos indivíduos quando expostos às mesmas condições materiais de existência, produzindo e permanecendo depois de estruturadas, mas também se tornam estruturantes, num processo de interioridade da exterioridade e de exterioridade da interioridade, fundamentação que anos mais tarde seria conhecida como prática.

As comunidades de práticas proporcionam interações entre os seus membros e estimulam o compartilhamento de ideias, permitem que seus integrantes exponham suas questões independentemente do nível de conhecimento e as tratem com atenção, criando um ambiente não só de confiança, mas também desafiador. Uma das finalidades primordiais das comunidades de práticas é a de que a aprendizagem ocorra em todos os âmbitos e grupos sociais em que o membro está inserido, a partir da troca de experiências entre outros membros e da exposição, discussão do que sabem, como e quanto sabem e da realização e do aprendizado de atividades neles.

A atividade em comunidades de práticas baseia-se na contribuição entre os participantes. Essa atividade vai depender de um desejo de unanimidade para seu surgimento e para sua manutenção, é um anseio de partilhar valores, de construir visões comuns e definir objetivos atingidos por um trabalho conjunto entre os participantes. Entretanto, a comunidade depende também da percepção de que a diversidade precisa ser respeitada. A comunidade só irá adiante se houver respeito, tanto pela coletividade, quanto pelas posições marginais e periféricas dentro da comunidade, pelas posições ocupadas por outras comunidades e pelas formas distintas de funcionamento. Ou seja, a sobrevivência de uma comunidade deve respeitar a forma como seus participantes lidam e lidarão com as variedades pela coletividade.

#### **4 O OBJETIVISMO E A FENOMENOLOGIA CONFORME BOURDIEU**

Segundo Bourdieu (1994), pode-se dividir teoricamente o mundo social de três modos: conhecimento fenomenológico, conhecimento objetivista e conhecimento praxiológico.

Sua análise epistemológica parte de uma releitura dos critérios do objetivismo e da fenomenologia para a elaboração de sua própria teoria de análise prática: a praxiologia. Bourdieu contesta ambos os modos, ao fomentar os atores e sua estrutura social com a praxiologia, a partir deste conhecimento, de agora em diante, centra-se na mediação entre a agência e a estrutura, retomando a noção ativa dos sujeitos como produtos da história de todo campo social e de experiências acumuladas no curso de trajetórias individuais.

O referido autor afirma que o modo fenomenológico recai sobre a limitação desse método, que se baseia na experiência primeira do mundo social (meio familiar, apreensão do mundo natural e evidente, conhecimento prático e tácito) e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade, já, no objetivismo (particularmente na hermenêutica estruturalista), desconsidera o fato de que o modo fenomenológico rejeita a experiência natural, realizando uma divisão com o conhecimento primeiro (fenomenológico e subjetivista), ao construir as relações objetivas que compõem as práticas e suas representações. Por sua vez, o conhecimento praxiológico proposto por Bourdieu busca uma relação retórica entre os dois primeiros modos de conhecimento, na construção da teoria da prática, embaçamento que anos mais tarde seria imposta por Wenger, McDermott e Snyder ao caracterizarem o domínio como fundamentação comum nas comunidades de práticas.

Estes fatos levaram uma ruptura com o objetivismo, quer dizer, um questionamento das condições de possibilidade e dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, em lugar de construir seu princípio gerador, situando-se no próximo movimento de sua efetivação. Seu objeto não se constitui somente no sistema das relações objetivas que o modo que o objetivismo constrói, mas também nas relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se renovam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade. Ao filiar-se ao conhecimento praxiológico e censurar o objetivista, o autor também resiste ao conhecimento fenomenológico, que na sua ótica explícita a verdade da experiência primeira do mundo social, apreendendo-o como natural e evidente, suprimindo a questão de suas próprias condições de possibilidade. Entretanto, sua oposição é mais explícita ao objetivismo.

Para Bourdieu (1994), o conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las. Em outras palavras, o que o objetivismo exclui são os conhecimentos primeiros do mundo social, antevisto pelo modo de conhecimento fenomenológico.

Da fenomenologia, Bourdieu (1994) rejeita o descritivismo, que considera apenas como uma etapa do processo de investigação. Mas incrementa o rompimento com o senso comum, com as pré-noções, com as doutrinas, com os modos de apreender o mundo. Ele segue a fenomenologia ao abandonar a atitude inicial e, mesmo, a atitude intelectual ante o objeto, e assumir uma “atitude fenomenológica”, que entende o objeto como um todo e a ele integra o pensamento sobre a atitude, tanto dos agentes quanto dos pesquisadores. Incrementa da fenomenologia o processo de construção do fato social como objeto e a ideia de que são os agentes sociais que constroem a realidade social, embora sustente que o princípio desta constituição é estrutural.

Numa forma de desligamento em relação ao objetivismo, Bourdieu afirma que a ação das estruturas sociais sobre o comportamento individual acontece verdadeiramente de dentro para fora e não o inverso, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a

ação típica dessa posição e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação.

## 5 A PRÁTICA EM BOURDIEU

Na praxiologia ou teoria de prática, Bourdieu (1994) faz uma leitura da complexidade do mundo social, utilizando como ferramenta científica as práticas das ações humanas. Sua reflexão central baseia-se no conceito do *habitus*, elemento gerador de práticas, tendo como ponto de partida a divisão do agente social (indivíduo) com a sociedade (estruturas estruturadas e estruturas estruturantes), numa relação dialética entre interioridade e exterioridade, inovando na definição de vários estatutos epistemológicos, como condições sociais, campo, violência simbólica, capital (econômico, cultural, social e simbólico), etc.

A partir do *habitus* identifica-se a ação social nas relações entre as estruturas incorporadas de ação e as estruturas objetivas que são as regras de ação, educação formal, gostos, relações de produção e concorrência de cada espaço social.

A aplicabilidade do conceito de *habitus* pode ser verificada quando Bourdieu (1994) analisa o sentido das práticas no campo científico, demonstrando como os agentes são estimulados pelas conjunturas deste campo e seu reconhecimento é marcado e garantido somente por um conjunto de sinais de consagração que os atores concorrentes concedem a cada um de seus membros.

O termo *habitus* foi repensado por Bourdieu (1994), que uniu dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), pode-se dizer que o *habitus* não só interioriza o exterior, mas também exterioriza o interior.

Neste sentido, todo o pensamento intelectual de Bourdieu (1994) voltou-se para a construção de uma teoria da ação, estabelecendo uma abordagem epistemológica em relação às seguintes rupturas: com o conhecimento empírico, com o conhecimento fenomenológico, com o conhecimento estrutural e com o próprio conhecimento escolástico (teórico). Entretanto, essas rupturas não são vistas como uma série de exclusões; pelo contrário, cada posição teórica é mantida e integrada numa teoria da prática. A base dessas rupturas é a geração de uma estrutura que a enxerga em termos de homologias mentais e sociais.

Essa estrutura, portanto, precisa ser compreendida como algo distinto das formas convencionais encontradas no estruturalismo. Para Bourdieu (1994), as relações estruturais surgem da ação prática (com senso), ou seja, dos atos cognitivos empíricos dos indivíduos em busca de seus objetivos. Tal engajamento envolve a interação entre princípios geradores em contextos sociais e a ação humana individual, portanto, essa relação estrutural fenomenológica também é um produto de condições estruturais ambientais que oferecem regularidades objetivas para orientar o pensamento e a ação.

Bourdieu (1994) foi construindo sua teoria da ação, nela destacando as capacidades criadoras, ativas, para além das esferas conscientes e inconscientes dos agentes, mas considerando-os efetivamente em ação no campo, outro conceito fundamental que suporta o anterior. Bourdieu procurava fugir da filosofia da consciência, sem excluir totalmente do cenário o próprio agente em atividade, estabelecendo para com este uma cumplicidade ontológica com o mundo.

Bourdieu (1996) cita mecanismos que asseguram a reprodução do espaço social e do espaço simbólico, sem ignorar as contradições que estão na base dos espaços e de suas relações. Em seguida, questiona se o campo cultural é um campo de poder. E utiliza a lógica da instituição escolar, com seus privilégios e suas estratégias de reprodução para exemplificar

com a meritocracia, demonstrando que ainda que seja um espaço social é também um campo de forças e um campo de lutas em cujo interior os agentes se enfrentam com meios e fins, contribuindo para a conservação ou a transformação de sua estrutura.

As práticas podem encontrar-se ajustadas às chances objetivas, sem que os agentes procedam ao menor cálculo ou mesmo a uma estimativa, mais ou menos consciente, das chances de sucesso, ao contrário do princípio de coerção social proposta por Émile Durkheim (1858 - 1917), Bourdieu (1996) afirma que o individual, o pessoal e o subjetivo são orquestrados.

Os princípios objetivos e subjetivos da teoria da prática de Bourdieu também podem ser ilustrados através da sua compreensão da cultura. Bourdieu (1994) relata que há duas tradições no estudo da cultura: a tradição estrutural e a tradição funcionalista. A tradição estruturalista enxerga a cultura como um instrumento de comunicação e de conhecimento, com base num consenso compartilhado do mundo. A tradição funcionalista, em contrapartida, forma-se ao redor do conhecimento humano como o produto de uma infraestrutura social.

## 6 AS COMUNIDADES DE PRÁTICAS VIRTUAIS

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC), surgem novas possibilidades para melhorar o acesso, a utilização e a disseminação da informação nas organizações, e com esse avanço têm surgido novas formas de organização e de trabalho, principalmente através de comunidades virtuais, unindo pessoas que interagem compartilhando informações, conhecimentos e práticas; apoiando as áreas de negócios na obtenção de conhecimentos atuais; apoiando as organizações na distribuição de informação e nas políticas de comunicação; estimulando a adoção de novas políticas culturais nestas organizações, disseminando novos modelos mentais; subsidiando a estruturação da memória organizacional através do registro de trocas de informações entre representantes das áreas de especialidades e ainda agindo como interconectoras entre os núcleos de conhecimento.

O advento da Internet como meio de comunicação ágil, flexível e de baixo custo e sua adoção em larga escala pelas organizações e na vida cotidiana foram os propulsores das Comunidades Virtuais. [...] nas comunidades grupos de pessoas com interesses comuns se formam paulatinamente, se comunicando através das redes. (TEIXEIRA FILHO, 2002, p. 20).

Dessa forma, as informações disponibilizadas nas comunidades virtuais colocam em prática os serviços de informação e comunicação em rede. Os dados informacionais disponíveis nesse ambiente são gerados, agrupados e disseminados através dos próprios membros, o que identifica esse recurso como formador de relações sociais nos ambientes virtuais.

A gestão da tecnologia nas instituições representa mais que uma simples condição para a sobrevivência destas em um mercado cada vez mais competitivo, passando por verdadeiras revoluções nos sistemas produtivos e, sobretudo, nas formas de organização e comunicação de seus pares. Segundo Teixeira Filho (2002), as comunidades de práticas sempre fizeram parte de uma estrutura informal das organizações, sendo que essas comunidades necessitam de humanização, mediação, estrutura, incentivo e gestão.

Ao se definir comunidades virtuais, portanto, faz-se necessário relacionar a ideia de comunidades de práticas com o surgimento da Internet, pois a atuação em comunidades de práticas pode ser considerada a essência da rede mundial de computadores.



Para Turner (2005), as comunidades virtuais são formadas por pessoas que, independentemente do nível social ou financeiro, se reúnem em torno de um objetivo comum, como a discussão de alguma temática considerada relevante pelos membros para a resolução de problemas que os afetam. Os espaços anteriormente físicos foram substituídos por ambientes virtuais o que eliminou as barreiras geográfica e temporal. A relação tempo e espaço perdeu relevância quanto a dificultar as interações entre membros.

As comunidades virtuais podem ser essencialmente on-line e os membros nunca experimentarão qualquer contato real. Estas comunidades foram criadas no ambiente virtual e assim permanecerão. Há comunidades que tiveram início no ambiente virtual, mas seus membros interagem pessoalmente em eventos, feiras e convenções organizados para esta finalidade, aprimorar e aprofundar os relacionamentos entre os membros. Há ainda comunidades que tiveram sua origem no mundo off-line, no mundo real, e posteriormente migraram para a Internet para usufruir do meio para estreitar os laços entre seus integrantes, eliminar distâncias e aumentar o convívio e troca de experiências. (FERREIRA, 2008, p. 40).

Algumas empresas já utilizam as comunidades virtuais para divulgar e distribuir seus produtos e serviços através da Internet. Com isso, incentivam a possibilidade de criar e estreitar relacionamentos com o público-alvo. As organizações podem obter informações mais precisas sobre os desejos e as opiniões dos consumidores quanto a determinados produtos e serviços a partir da análise das interações que ocorrem nas comunidades virtuais ou simplesmente mediante consulta direta aos membros de determinada comunidade.

Focadas na importância do ambiente virtual para o marketing, as organizações têm investido cada vez mais no posicionamento de suas marcas dentro dessas plataformas. No ambiente virtual, o modo como uma empresa se posiciona diz muito sobre ela. Da maneira como se comunica com os clientes, a forma como reage a assuntos polêmicos, pode influenciar a imagem da sua marca no ambiente on-line aumentando sua visibilidade.

Com a implantação das TIC nos cenários organizacionais, os mecanismos de uso de informações e os ambientes de comunicação começam a sofrer diversas alterações no que se referem a costumes, tipos de relações, troca de informações e recursos. Nesse contexto, as comunidades virtuais passam a representar recurso estratégico no processo de comunicação, auxiliando nos desenvolvimentos sociais e organizacionais.

O uso das TIC e as informações disponíveis nas comunidades virtuais colocam em prática os serviços de informação e comunicação em rede e o conteúdo informacional disponibilizado nesse ambiente é gerado, agrupado e disseminado através dos próprios membros, o que identifica esse recurso como formador de relações sociais nos ambientes virtuais. Nessa circunstância, as comunidades virtuais passam a representar recurso estratégico no processo de comunicação, auxiliando nos desenvolvimentos sociais e organizacionais, apoiando as áreas de negócio na obtenção de novos conhecimentos, tanto de fontes internas quanto externas, podendo apoiar a empresa na distribuição da informação e nas políticas de comunicação.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentou-se a importância das comunidades de práticas e os elementos considerados por Etienne Charles Wenger com a comunidade científica, utilizando referenciais teóricos formulados por Pierre Félix Bourdieu.

Com a dimensão da praxiologia, Bourdieu insere as práticas como centro dos seus estudos sociológicos, dando-lhes uma precisão teórica através do conceito de *habitus*, buscando erguer uma ciência experimental, fundada numa relação dialética entre o interior (interioridade) e o exterior (exterioridade), mostrando que as práticas não podem ser vistas como produtos acabados, mas como um processo relacional em constante mutação (mesmo considerando-se suas regularidades), tendo em vista a história dos indivíduos, dos grupos e das classes sociais, permite-se pensar a relação, as mediações entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos agentes.

Tal conceito expressa o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades, fazendo Bourdieu discutir o objetivismo e a fenomenologia, ao fomentar os atores e a sua estrutura social com a praxiologia, porém, o conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las. Em outras palavras, o que o objetivismo exclui são os conhecimentos pioneiros do mundo social, antevistos pelo modo de conhecimento fenomenológico.

Constatou-se que o uso adequado de informações passa a ser estimulado e propiciado através do uso de recursos das TIC nos ambientes virtuais. Assim, as inovações tecnológicas e as diversas possibilidades de comunicação e informação contribuem com a interação entre ambientes, indivíduos e informações, permitindo maior esforço coletivo e alcance de resultados desejados, surgindo nessa conjuntura as comunidades de práticas virtuais. Relacionaram-se as ideias do autor precursor do termo comunidades de práticas, Wenger, observando ideias semelhantes de Pierre Bourdieu, com relação a características como, por exemplo, o domínio, a comunidade e a prática em si.

Frente ao exposto, infere-se que estudar as comunidades de práticas relacionadas com a praxiologia de Bourdieu corrobora para certificar que a aprendizagem coletiva pode fortalecer em um determinado momento, desde que formado por grupo de pessoas que desenvolvam ações compartilhadas de recursos, tais como, experiências, ideias, histórias, ferramentas, estilo e formas de lidar com problemas recorrentes, documentos compartilhados pelos participantes, dispendendo tempo e interação sustentados, em prol do resultado: produto da comunidade e não do indivíduo.

Exercitando a praxiologia, ressalta-se que as práticas não podem ser vistas como artefatos acabados, mas contrariamente como atividade relacional em constante mutação, tendo em vista a história das comunidades e das classes sociais. Expondo as práticas como centro de estudos sociológicos, dar-se-á primordialidade teórica através do conceito de *habitus*, corroborando com a analogia às comunidades de práticas criadas por Wenger (1998).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Pericles Morais. Agência e estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12, n. 2, p. 97-118, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235400>. Acesso em: 29 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução: Mariza Côrrea, Campinas, SP: Papyrus. 1996.

FERREIRA, Carlos Eduardo Coelho. **Comunidades virtuais e as organizações: um estudo sobre a utilização deste novo ambiente.** 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Administração de empresas de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2305>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FREITAS, Celma. A prática em Bourdieu. **Revista Científica FacMais**, v. 1, p. 5-22, 2012. Disponível em: <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/04/1.A-PR%C3%81TICA-EM-BOURDIEU-Celma-Freitas1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2020.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; SILVA, Edilene Maria. Nuanças e estratégias que circundam o conhecimento tácito. **Navus Revista de Gestão e Tecnologia**, Florianópolis, v. 5, n.3, p.6-21, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/36791/nuancas-e-estrategias-que-circundam-o-conhecime--->. Acesso em: 14 abr. 2021.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: legitimate peripheral participation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Abordagem bourdieusiana para uma análise de campo: um enfoque para a comunicação científica e o acesso aberto. **Em Questão**, v. 23, n. 2, p. 98-119, 2017. DOI: 10.19132/1808-5245232.98-119. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/10650>. Acesso em: 03 jan. 2021.

RIMÁ, Jacqueline de Castro; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; TARGINO, Maria das Graças. Comunidades de práticas virtuais dos técnicos administrativos em educação de Instituições de Ensino Superior. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 8-27, 25 jun. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/6244>. Acesso em: 22 mar. 2021

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende.** 34 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

SILVA, Anderson Aparecido Lima da. A teoria da prática de Pierre Bourdieu: entre estruturalismo e fenomenologia. **Kínesis**, v. 8, p. 31-45, 2016. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo2318476-a-teoria-da-pr%C3%A1tica-de-pierre-bourdieu-entre-estruturalismo-e-fenomenologia](https://redib.org/Record/oai_articulo2318476-a-teoria-da-pr%C3%A1tica-de-pierre-bourdieu-entre-estruturalismo-e-fenomenologia). Acesso em: 02 jan. 2021.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. **Comunidades virtuais: como as comunidades de prática na Internet estão mudando os negócios.** Rio de Janeiro: Senac, 2002.

TORMA, Kathy Rejane Pestana. Habitus. Comunidades de prática: a construção de um novo sujeito social. **SEPesq**, 2015. Disponível em:

[https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos\\_trabalhos/3612/698/790.pdf](https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/698/790.pdf). Acesso em: 02 jan. 2021.

TURNER, Fred. Where the Counterculture Met the New Economy. **Technology & Culture**, v. 46, p. 485-512, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/26433630/Where\\_the\\_Counterculture\\_Met\\_the\\_New\\_Economy\\_The\\_WELL\\_and\\_the\\_Origins\\_of\\_Virtual\\_Community](https://www.academia.edu/26433630/Where_the_Counterculture_Met_the_New_Economy_The_WELL_and_the_Origins_of_Virtual_Community). Acesso em: 11 jan. 2021.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo (UNESP)**, v. 14/15, p. 25-37, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/download/5159/4224>. Acesso em: 14 jan. 2021.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge university press, 1998.

WENGER, Etienne; MCDERMOTT, Richard; SNYDER, William. **Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge**. Boston: Harvard Business Press, 2002.